

Quando Jesus Nasce no Sertão | Enver Sampaio

Avistando de longe, surgindo entre as juremas e os mandacarus, a trilha de chão batido, vereda feita por muita andança de gente e bicho, marca o rumo certo para a casa de Seu Aristides. Isolada, de baixo já se vê o grande telhado, feito de telhas grossas, encardidas pelo tempo, um lodo petrificado pelo sol eterno dos verões do sertão, escurecendo o marrom da coberta, formada por duas águas, com cumeeira bem no centro, feita de carnaúba curtida, pegando a casa da fachada aos fundos, cerca de dez metros de tronco chumbado, segurando todo o peso da estrutura. Os caibros de sabiá, não muito linheiros, tortuosos, mas firmes, fixados com pregos, formam o restante do telhado aparente interno. Após subir o degrau da varanda, local mais usado da casa, onde começam todas as reuniões familiares, recepção de visitas e fiação de prosas.

A varanda lateral é bem ampla, cheia de armadores de estender as redes aos amigos e conhecidos, pode-se escolher por qual dos três portais entrar, todos eles dão acesso ao interior. Dona Clementina, após o almoço, fecha as bandas de baixo das portas para os cachorros e as galinhas não entrarem, passa o ferrolho de dentro e deixa a banda de cima aberta para ventilar, na esperança de alguma brisa resolver entrar. A casa estava toda escancarada, adentramos, inúmeros feixes de luz escapavam das frestas das telhas e iluminavam a sala e a cozinha, sendo um vão só, toda aberta, sem divisória. Um quarto, do casal do lado direito, fechado por uma cortina colorida quase transparente. Do lado esquerdo, um quarto para os três filhos, com uma cortina encardida sempre enganchada no armador, ficando livre para as crianças entrarem e saírem correndo. Mais à esquerda, o coração do lar, o fogão de barro, já próximo a porta do quintal

e de frente para a despensa, onde Seu Aristides guarda os suprimentos, que esse ano está abarrotada até o topo dos três metros de parede.

Do fogão sobem labaredas, espalha-se o cheiro bom do cozido de porco. O defumado da lenha queimando se mistura aos outros aromas que empesteiavam a sala. Pela porta, vejo o sol que começa a se esconder na chapada, o véu da noite desce de mansinho, o céu descampa estrelado. Vem vindo pelo quintal a criançada correndo, Aristides e a família estavam com a novilha que acabou de parir. A alegria da notícia contagia a todos, mais uma garrota pra ficar prenha, já são duas rezes. A vida é difícil nesse balseiro de sequidão, cada conquista é valiosa e eles sabem disso. A esperança é nos pequenos, de estudar e quebrar o ciclo. Aristides só conhece a lida na roça, seu pai e o pai dele também. Quando é noite de sonhar, pensam nos filhos diplomados.

Agora todo mundo se aquieta, nos juntamos à família, hora sagrada de oração, uns pela mesa, meninada no chão, hora abençoada da refeição. Jesus nasce na televisão, pequena, de tubo. Não tem presépio, nem neve, nem presentes, muito menos árvore de Natal, mas tem amor, do jeito sertanejo, demonstrado na gratidão pelo prato cheio, pela mesa farta, pelo bucho espocando. É tempo de esperança num futuro melhor.

Damos as mãos, Seu Aristides baixa a cabeça, a lágrima escorre pela pele enrugada.

- Deus abençoe mais uma refeição.

Todos.

- Amém.